

# A LEITURA

Alberto Lins Caldas \*

## Resumo

A leitura de um texto não pode esquecer que ele é procurado por algo que nos falta: nos falta o diálogo que revele nossa discordância, confirme nossa voz, sustente o não que ainda desconfiamos frágil. Mas esse procurar é encontrar o outro e encontrar a alteridade é necessariamente confirmar eu mesmo. Mas não todo eu: a leitura e o outro enquanto texto são sempre pouco: discordo do outro naquilo que já era intuição viva de mim mesmo, naquele ponto que era quase nada no outro e para mim é o esforço de criar eu mesmo apesar do outro e dos poderes.

**Palavras-Chave:** Texto, Alteridade e Leitura.

## Abstract

The reading of a text cannot forget that he is sought by something that in the lack: in the lack the dialogue that reveals our disagreement, confirm our voice, not sustain him/it that still distrusted fragile. But that to seek is to find the other and to find the alteridade it is necessarily to confirm me even. But not all me: the reading and the other while text is always a little: I disagree of the other in that that was already alive intuition of me same, in that point that was almost anything in the other and for me it is the effort of creating me even in spite of the other and of the powers.

**Key-Words:** Text, Alteridade and Reading.

O ato de ler é, antes de tudo, ação destrutiva. É precisamente por essa característica que existe a possibilidade da leitura: é o resultado do choque de singularidades, de modos de ver e sentir. A resultante desse choque é sempre contra-texto, contra-ver, contra-sentir, um contra-criar. Concordar com o texto é trai-lo e é, antes de tudo, trair-se.

Quem procura a leitura de um texto não pode esquecer que ele é procurado por algo que nos falta: nos falta o diálogo que revele nossa discordância, confirme nossa voz, sustente o não que ainda desconfiamos frágil. Mas esse procurar é encontrar o outro e encontrar a alteridade é necessariamente confirmar eu mesmo. Mas não todo eu: a leitura e o outro enquanto texto são sempre pouco: discordo do outro naquilo que já era intuição viva de mim mesmo, naquele ponto que era quase nada no outro e para mim é o esforço de criar eu mesmo apesar do outro e dos poderes.

Ler é discordar do poder e da autoridade. O escrito carrega sempre com ele a autoridade que tem como função invisível desacreditar aquilo que sou. No dizer do outro se reproduzem todas as hierarquias sociais. Só diz quem pode dizer; se diz, devo então escutar; para escutar não devo então me ouvir: ouvir através da leitura é não se escutar. A leitura torna-se suspensão de ser. Ler, deixando o outro falar enquanto calamos e porque calamos, é respeitar sua existência não enquanto homem, mas enquanto texto: deixamos de existir não por alguém mas por algo. Como a existência do texto é eterno monólogo, calar-se diante dele, ao lado dele ou dentro dele, que é o ato de ler, estamos abdicando da verdadeira essência do ser homem: e a leitura cessa, esgotada em si mesma, transformada em informação, traição viva da voz do outro, do próprio outro enquanto homem e de nós mesmos na totalidade de ser.

Ler é confirmar o humano em nós através do diálogo: só negando o outro podemos confirmá-lo e nos confirmar, transformar a não-leitura em leitura: aquilo que antes é só possibilidade torna-se, através de mim e por mim, realidade. A leitura transformada em algo-a-nos-ser-dito, algo que nos ensina, gera uma dicotomia coisificante e destrutiva. Ler não é reflexo do estudar, que é um se render, um se entregar: a leitura não forma, não especializa, não ensina: a leitura é ação criadora do leitor: ele cria o outro porque está se criando e só porque está se criando é que faz o texto, a voz do outro, existir.

A leitura é luta onde se o vencedor não formos nós abre-se o caminho para o saber enquanto erudição (que é somente subproduto da memória), mas mata-se o caminho da criação: criar é ato contínuo de negação e destruição. A leitura é diálogo negativo, diálogo contra, diálogo de reafirmação e construção da interioridade. A cada momento da leitura precisamos estar atentos para essas múltiplas vozes em luta onde um saber-já-dito tenta novamente se dizer. No entanto passar por ele é fundamental: a leitura é sempre um dizer antigo camuflado de um dizer-agora. Desdizê-lo é ler: somente há leitura nesse negar.

A leitura é diálogo de discordância. Sem discordância não há entendimento. Mas na leitura não há verdadeiro e possível entendimento: ou saio ganhando ou não há leitura: se não destruo o outro, se não o devoro (não no sentido oswaldiano, que é ainda aceitar o jogo, aceitando o outro como o servo aceita o senhor), não existem nem eu nem a leitura. Mas a leitura é também diálogo amoroso: se não me considero, de saída e no mínimo, igual ou superior sou devorado como um louva-deus macho pela femea-leitura, que esconde, na verdade, um poder: o poder do senhor: a lógica da leitura reproduz as lógicas em ação no mundo: a inocência ou a culpa da leitura esconde os poderes que escondem e traem: a singularidade se faz contra a leitura: que é o mesmo que ser contra o mundo.

A razão da leitura é a luta para ser, para tornar-se. A construção da singularidade rege a leitura, porque não há singularidade sem o combate diuturno contra os outros: a leitura faz parte desse combate. Quanto mais autenticidade e coragem nessa construção, mais autêntica a leitura. Ler é dizer-se enquanto nego: enquanto me faço e só porque me faço. A ficção seria um dos acessos ao ser do homem na medida em que poderia ajudá-lo a construir-se. Mas essa esperança não se realiza: à ficção não importa se o homem é bom ou perverso: não há ética nem na ficção nem no texto: não forma ninguém, não ajuda a nos melhorar ou piorar: é a masturbação sagrada: de quem lê e de quem escreve: ao verdadeiro leitor e ao verdadeiro escritor não interessa a verdade ou mesmo a realidade: a ficção não ensina. Cria e descreve o humano sem preocupar-se em salvá-lo. A ficção não torna nenhuma sociedade melhor. Sua realidade extrapola a temporalidade social e sua moral limitada: nela, o homem é sempre um inimigo a derrotar: é a linguagem em forma de sedução: como se houvesse outra forma de ser da linguagem.

Através da sombra viva do humano aprendemos a nos conhecer, a nos combater.

A linguagem é uma das características do homem e o constitui, nada escapando a sua apreensão: a ficção é a tentativa de superação dos limites da linguagem, logo, do próprio homem. Sem essa superação ela não acontece: é a instauração da negatividade: é a palavra utópica por excelência. É contratempo: um além da história que realiza o demiúrgico que caracteriza o homem: seu tempo é somente falsamente histórico: prisioneira da história a ficção estaria fadada a ficar no tempo do seu presente, objetificada enquanto fóssil, importando apenas por sua condição de "documento menor". Ela não instaura nem o visível nem suas possibilidades, mas o inexistente que passará a fundamentá-lo e explicá-lo, norteando a origem desse visível, interferindo como palavra e visão negativa.

Ficção não é contar uma história mas criar os fundamentos da negatividade: é criar a história. Não é "história paralela" nem "história futura": mas movimento da singularidade em busca dos rios demiúrgicos do homem: não é fuga mas encontro: não é deixar-se mas devorar que não se sacia enquanto não funda um universo que resgate e crie o homem inteiro: sua loucura é o homem e a impossibilidade em salvá-lo: a ficção é o desespero da batalha que nenhuma mercadoria pode conter ou delimitar: êxodo do ser em busca do ser que o saciasse além do tempo dentro do tempo, salvando-o da decomposição do ser como tempo: grito desesperadamente mítico contra a história. O avesso da memória: derrota do vivido e vida do sonho concreto.

No além da linguagem e do visível a ficção não instaura formas mas a essência do mito, sua substancialidade universal: seu ser é símbolo e alegoria: não a alegoria como espelho do interno invisível mas a apresentação do grotesco demiúrgico. A leitura de ficção, da verdadeira e grande ficção (a única que existe), exige um se entregar: a ficção nos exige um negar e um amar, um destruir e um criar, um aceitar e um reviver. A ficção é leitura que podemos concordar sem nos ferir, sem nos objetificar: a ficção é leitura onde o poder não se esconde, não nos dilacera, não nos engana. Nos chama a sermos nós mesmos, a ver o outro como alguém vivo e inteiro, onde o humano ainda sobrevive. Onde a voz do outro não nos sufoca: nos acalenta.

Sua existência confirma meu existir, confirma meus propósitos. Mas não devo ser tão inocente assim. Aquilo que é verdadeiro para a leitura em geral também vale para a leitura de ficção. Mas as vozes não se dilaceram, não competem: posso perder e ainda saio ganhando.

Mas a grande ficção exige mais que leitura de passatempo, leitura sem compromisso com o ser-que-se-constrói. Sem esse compromisso não-dito a ficção deixa de existir e tudo se iguala, tudo se relativiza: a ficção define e a leitura não acontece. Sem coragem de ser a ficção não se realiza nem enquanto leitura nem enquanto criação: sem o meu ato criador, que é a leitura, não há a criação do autor, não há o autor nem o livro. Não há homem sem leitura. Abre-se então a leitura para um além-do-papel: é constituição do ser enquanto criação destrutiva. Só podemos ler o mundo através da construção-do-ser. Sem essa construção, sem esse ir-se construindo, não há entendimento, mas derrota.

Ler é criar consciência do projeto que somos nós: criar o outro, a voz do outro, é aprender a ouvir a nossa voz, a sabê-la existente: sentir seu contorno, seu calor, as nuances que a faz ser o que não é, ser o que deveria ser, ser aquilo que sonhou: compreender suas vozes e murmúrios como se tudo fosse uma grande e mesma voz: saber os sentidos e significados que é a identidade mais íntima de nós mesmos. Sem essa voz primordial não há leitura, não há o outro, não há o mundo: nada que valha a pena. Sem a mais íntima coragem de criar não há leitura: há, na verdade, pantomima: o outro deixou-nos uma sombra, armadilhas, voz cristalizada e sem calor, sem realmente ninguém para pronunciá-la: a leitura é labirinto onde podemos nos perder ou nos ouvir: os lábios da leitura são os nossos, a carne imaginária é a nossa: e os nossos ossos e olhos, e o nosso sexo e nosso irremediável cansaço.

A verdadeira leitura é a ponte entre dois criadores, entre dois mundos imaginários: toda leitura é simbólica: é o campo de batalha entre duas vidas: uma definida, infinita em possibilidades por sua informe existência, e a outra em indefinições, caos profano de pura sacralidade, definição e agonia, abertura vital para ser. Mas o simbólico da leitura não está nas palavras murmuradas ou nas palavras de tinta: está na ação construtiva do sujeito enquanto cria e recria e descreve o texto: o simbólico é o homem agindo como homem diante daquilo que o nega: toda a simbologia da leitura sai da ação negativa da criação.

A nossa criação depois da leitura continua com todas as precariedades da vida, com todas as fraquezas e covardias: nossa vida é tentar manter as conquistas da criação e criar infinitamente até a inadiável destruição; a destruição do outro, provocada por nossa leitura, se desfaz e potencializa-se em outras futuras leituras: ler é anteceder outras destruições: como a virgindade das deusas, sempre se renova o texto para infinitas destruições: sem a nossa leitura, sem a nossa vida para reinterpretá-lo, ele simplesmente não existe, ou no melhor dos casos, fica em suspensão, à espera, mas uma espera que é um não-existir.

É a nossa autenticidade, pois a nossa interioridade é única, que mantém o texto vivo: abdicar de nós mesmos é matar o texto, matar perspectivas que somente a nossa vida poderia desvendar, doar, extrair e criar do texto: sem nós, sem o alento vital que somos nós, ele é pura pobreza, delimitação temporal: estática textual refletindo nossa ausência, pobreza ou covardia: somente um metafísico não texto.

A função da leitura é descentrar e desmobilizar a função: não há uma função da leitura: lemos para superar a quem lemos e nos superar: lemos para desdizer e contradizer e principalmente para nos contradizer: lemos porque sabemos ser mais que aquele que lemos: nossa interioridade ri da coagulada interioridade em forma definitiva: podemos mais, queremos ser-mais: até nos tornarmos também texto: lemos para nos tornar texto: a meta da leitura é morrer em fluxo de texto: não suportamos a simples existência da interioridade: precisamos da fixidez das palavras no papel. A leitura é a ante-sala da escrita, que é o inverso, o reverso, o contraverso da leitura: a leitura é prazer de ser e de se tornar: escrever é a dor de haver se tornado.

Mas então a leitura não pode ser prazer: não há prazer em lutar-para-ser ou para tornar suportável a solidão e a morte: é um destruir irreparável, um não ouvir, não respeitar, não parar e se consumir. A criação da leitura reproduz a agonia de ser incompleto: ler é tentar construir aquilo que falta: mas a leitura é incompleta também: incompletos nós mesmos, a leitura, o texto: resta-nos criar o texto que nos diga, que nos imponha, que grite aquilo que falta nos outros textos: nós mesmos: jamais estamos no texto que é lido: por isso lemos, por isso escrevemos: mordemos nossos pés e nos devoramos até a nuca,

sonhando o vazio: a leitura é esse morder tautológico, esse construir no construído, essa subjetividade na subjetividade objetiva.

A leitura e a escrita são redes simbólicas da solidão: lemos e escrevemos por nós e para nós mesmos, o resto é desculpa de mercador: ler e escrever é conversa com nós mesmos: os outros se metem por que estão tão incompletos quanto nós mesmos e pensam que lendo solucionam esta incompletude radical e absolutamente essencial. A vaidade de publicar não se confunde com a leitura nem com a escrita: são mundos à parte: o ler e o escrever tem muito pouco a ver com o mundo.

A leitura é inútil: mas poucas coisas são mais importantes: é o espelho do demoníaco que nos cria criando o mundo.

**\*Profº Ms. do Depto. de História - UFRO**